

A ironia como fenômeno lingüístico-argumentativo

Ida Lúcia Machado
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Résumé

Cet article expose, à vol d'oiseau, trois théories liées au phénomène de l'Argumentation:celles de Perelman, de Charaudeau et d'Anscombe & Ducrot. On tient à y montrer que l'ironie peut être utilisée aux fins argumentatives en tant qu'élément de communication. Pour mieux exposer ce point de vue on appliquera les théories en question sur une chronique d'un écrivain brésilien: on y emphasiera une sorte d'argumentation qui fait l'usage et d'une ironie explicite et d'une ironie implicite.C'est à travers l'observation des procédés de fabrication de la dernière que l'on arrivera aux intentions du "sujet-écrivain" ou du "sujet-communicant".

1. QUADRO TEÓRICO

A Ironia Retórica faz parte de um processo comunicativo, no qual um locutor tenta transmitir sua opinião sobre alguma coisa ou sobre alguém a um destinatário dado.

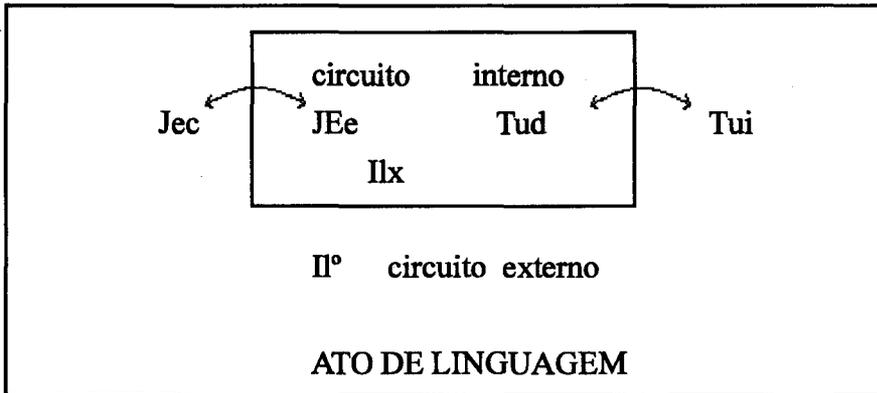
Tudo seria igual ao que se passa na comunicação direta ou “séria” se não houvesse um pequeno problema: o que o sujeito falante deseja transmitir não pode ou não deve -por razões diversas- ser dito de maneira explícita, daí o recurso a uma espécie de “contra-verdade”, através da qual o sujeito falante veicula sua mensagem sem correr certos riscos (como o de ser chamado de “não-diplomata”, “grosseiro”, “agressivo”, etc.), dos quais seria fatalmente vítima, se não tivesse tido o cuidado de “disfarçar” o seu dito. É nesta perspectiva que vemos a ironia como “troca argumentativa” e inserida no vasto processo da argumentação.

A Argumentação será então compreendida como um feixe de estratégias colocadas em prática na língua e nos diferentes discursos, estratégias estas que visam fazer passar idéias, influenciar um dado público e, se possível, modificar seus julgamentos a respeito dessa ou daquela questão. Nesta ótica, a Ironia seria apenas um dos meios dos quais dispõe a Argumentação para expor as afirmações e teses que deseja sustentar.

No seu *Traité de l'Argumentation*, Perelman e Tyteca falam da ironia como sendo um dos meios para se fazer uma *argumentação pelo ridículo*. Na nossa vida em sociedade, somos frequentemente confrontados com certas atitudes ou palavras que, difíceis de se suportarem, devem ser sancionadas pelo riso: não o riso “*bon enfant*” (despretencioso, ingênuo), o riso provocado pelo humor, que perdoa, “passa por cima”, mas o “riso de exclusão”, do qual nos fala Eugène Dupréel no seu artigo *Le problème sociologique du rire*. A ironia é então bastante usada como uma poderosa arma para levar adiante o jogo da argumentação e para realçar o ridículo das opiniões que se quer combater. Perelman e Tyteca defendem a idéia de que a argumentação e, por extensão, a ironia, são ligadas ao social: vão pois abordar o fenômeno argumentativo levando em conta a situação

psicossocial que envolve os sujeitos “argumentantes”.

Outra teoria que não ignora o aspecto psicossocial dos sujeitos comunicantes é a Semiolingüística. Observemos o esquema de *Ato de Linguagem* por ela proposto:



Explicando:

Jec: o indivíduo real, o sujeito comunicante que cria um

Jee: sujeito enunciador, que é um “sujeito da palavra”. É ele que é responsável pelos efeitos que o uso da linguagem pode ter sobre o sujeito interpretante (leitor ou ouvinte). O Jee cria/fala/escreve para um

Tud: sujeito interpretante (destinatário) ideal. O objetivo do Jec/Jee é fazer com que as interpretações deste destinatário ideal coincidam com as do destinatário real, o

Tui: sujeito interpretante real, exterior ao texto, ao circuito interno da palavra.

Finalmente,

Ilx: representa o “mundo” falado/contado no circuito interno, um mundo que tem a pretensão de ser um testemunho do

IIº: mundo real.(1)

Pode-se citar outra maneira de tratar a Argumentação: trata-se do caminho seguido, nos anos 80, por Anscombre e Ducrot, que vão associar o estudo dos fenômenos lingüísticos ao estudo dos fenômenos argumentativos, na perspectiva da pragmática lingüística. A Ar-

gumentação é vista então como um ato (ilocutório) que visa levar aquele a quem ela se destina a prolongar o sentido dos enunciados que lhe são apresentados; esta “prolongação” não será feita aleatoriamente, mas obedecendo às direções desejadas pelo *locutor*, que instrui seus enunciados seguindo dois grandes princípios: o da força e o do valor argumentativo.

Após esta rápida apresentação do quadro teórico, tentarei situar o fenômeno irônico no documento escrito.

2. O FENÔMENO IRÔNICO COMO PRÁTICA ARGUMENTATIVA

Quem escolhe a ironia como meio escrito para argumentar, deve se preocupar, em primeiro lugar, com o “como” da ironia, com o modo através do qual ela pode ser construída. Começemos pela observação de algumas estratégias que possibilitam a inclusão da ironia em enunciados, considerados de forma isolada em relação ao “objeto-texto”, que abordaremos mais adiante.

A ironia verbal ou retórica não existiria sem o ironista, sem o indivíduo histórico que a concebe: nos termos de Charaudeau, sem o *Jec* que assim fabrica a ironia:

-*Jec* pensa não-*p*;

-*Jec* diz *p* (*Ilx*) a *Tud*;

-*Jec* deixa escapar índices para que *Tud* perceba que sua enunciação não é “séria” ou “direta”, ou que *p* = Não-*p*;

-*Jec* espera que *Tui* se identifique a *Tud* e perceba o seu jogo.

O ironista (*Jec*) que se manifesta através da palavra escrita não tem, como quem a pratica oralmente, o apoio da rica linguagem gestual. A situação de um escritor é pois delicada, porquanto, para passar o “tom” irônico, só conta com a ajuda de estratégias languageiras. Para ter sucesso na sua empreitada, o escritor-ironista deve fazer uma escolha judiciosa dos elementos passíveis de provocar a expressão irônica. Assim, o ironista pode usar uma série de elementos figurativos (hipérboles, metáforas...) ou palavras que não são “suas” ou que toma “emprestado” de outras vozes, de outros discursos e de outras situa-

ções de comunicação. O “empréstimo” é bem favorável à eclosão da ironia : as palavras do “outro”, usadas em novos contextos e por outros locutores, assumem um caráter duplo, “bivocal”, como o diz Bakhtin (2). Se a intenção for irônica, o “empréstimo” será usado para subverter o significado primeiro das palavras do “outro”.

Para resumir, digamos que Jec tem a intenção de ironizar. O que vai fazer então? Usar certas palavras ou expressões modalizantes (3) , inverter o sentido de seu enunciado, etc.; seja como for, o ironista vai fazer aparecer uma natural distância entre sua voz e a voz que ironiza, no interior de seu ato de linguagem. Seguindo ainda a terminologia de Charaudeau, o Jee irônico (ser “linguageiro”) pode ser representado:

1. pela amálgama das vozes de Jec + Jee (s);
 2. unicamente pela voz do(s) Jee(s).
- Vejamos um exemplo, para cada um dos casos.

Situação 1: duas amigas (X e Y) conversando sobre homens, num barzinho.

X - Você no fundo é uma ingênua : não sabe lidar com homens.

Y - É...Mas a ingênua aqui acabou conquistando aquele carinha que você achava lindão, não é?

Situação 2: dois irmãos (P e Q) num restaurante. Chega a conta. Q já se acostumou a “explorar” P, acha normal (por razões diversas) que este sempre assuma as despesas de ambos em tais situações.

Q : -Ih... estou sem grana e sem talão de cheques. E agora ?

P : -Tá bom, já entendi, eu pago de novo. Eh... tem um ditado francês que diz “*Les bons comptes font les bons amis*”, você conhece ?

Na **Situação 1**, Y usa ou “empresta” uma palavra anteriormente utilizada por X , dando-lhe um outro sentido. A fala de Y, ou seu ato de linguagem, impõe uma troca de papéis : ela não é “ingênua” mas “esperta” enquanto que X não é “esperta” mas “ingênua”. Em outras termos, Y , no papel de Jee, usa parte do enunciado de X-Jec, realizando um ato de linguagem que reúne as vozes de Jec + Jee.

Na **Situação 2**, **P** realiza também um ato de linguagem indireto, servindo-se, para tanto, de um provérbio francês. Mas, ao contrário de **Y (Situação 1)**, **P** “fabrica” um **Jee** que ironiza através de outro **Jee** (“*Les bons comptes font les bons amis*”), enunciado que pertence à *vox populi* francesa. Em termos esquemáticos aí teremos **Jee + Jee**.

Passemos agora ao exame de algumas estratégias argumentativo-irônicas no “objeto” **texto**. A definição de “texto” varia segundo os objetivos, os autores, as épocas. Na **Grammaire du sens et de l’expression**, de Charaudeau, encontramos uma definição que vai se adequar bem aos nossos propósitos atuais:

“O Texto representa o resultado material do ato de comunicação. O Texto é testemunho das escolhas conscientes (ou inconscientes) que o sujeito falante fez nas categorias da língua e nos modos de organização de seu discurso, em função das restrições (limites) impostos pela situação de comunicação.” (4)

Seguindo esta concepção, veremos que o texto constitui um lugar privilegiado para a observação do fenômeno irônico-argumentativo. Para melhor examinar a questão, precisamos considerar uma interessante estratégia que consiste na mistura de informações “não-argumentadas” com uma “argumentação tendenciosa”.

A argumentação tendenciosa é a que tem uma intenção oculta ou, mais ou menos, escondida. No que diz respeito a um texto, a argumentação tendenciosa pode se apresentar sob a forma de uma informação elaborada pelo sujeito falante, cuja finalidade seria a de guiar o receptor para um ponto de vista já pré-concebido; o receptor, com bastante frequência, não percebe que está sendo “teleguiado” e se deixa influenciar.

Examinemos o percurso que leva este tipo de argumentação ao sucesso. Pode-se dizer que o mesmo é feito pela mistura de “temas” num só texto. Em outras palavras, diferentes informações são superpostas: a *informação primeira*, ou *informação de base*, é constituída pela exposição de um fato, de um acontecimento qualquer. Neste caso, ela seria mais descritiva que argumentativa. Ao contrário, na informação que chamaremos de “*derivada*”, há uma forma de argumentação indireta, que vai colocar em cena julgamentos de valor

e marcadores tendenciosos, habilmente combinados.

Pode-se falar de dois espaços ao nível da produção escrita: seguindo a terminologia de A. Camlong teríamos então a *sintaxe textual* e a *sintaxe discursiva* (5). A *sintaxe textual*, como o nome já indica, envia ao documento escrito, ao espaço lingüístico “puro” e “duro”, ou seja, ao sentido explícito dos atos de linguagem; já a *sintaxe discursiva* está ligada ao espaço discursivo que, situado no plano das idéias, organiza o funcionamento interno do texto; é aí que colocaremos a ironia que existe na junção dos conteúdos (*primeiro e derivado*); esta ironia preside e anuncia o movimento argumentativo do texto.

Vamos tentar aplicar estes conceitos numa crônica de Luiz Fernando Veríssimo, publicada na **Revista de Domingo do Jornal do Brasil**, em outubro 1992 (vide texto no final do artigo).

3. ANÁLISE DO TEXTO “A PRAGA”

Precedendo à análise do texto, onde passaremos rapidamente pela ironia mais evidente, a *explícita*, tentando sobretudo enfatizar a produção da ironia de 2º grau, a *implícita*, cabe lembrar que o mesmo foi publicado na época das comemorações dos 500 anos da “descoberta” da América. Tais festividades, elogiadas por uns, foram por outros contestadas.

Seguindo o raciocínio teórico acima exposto, teremos, como *conteúdo primeiro*, a informação em si. Ela nos é passada pelo *Jee* (segundo Charaudeau) ou pelo *locutor* (segundo Ducrot) e pode assim ser sintetizada: a descoberta do Novo Mundo, ou o encontro do Velho com o Novo Mundo. Veja-se:

“Era o primeiro encontro na primeira ilha no primeiro dia, e o próprio sol parecia ter chegado mais perto para não perder a cena. Fazia calor, e o tomate brilhava ao sol como uma maçã dourada.” (texto, linhas 2 -6)

O encontro de duas civilizações é aí descrito pelo *sujeito*

enunciador através de palavras que nos parecem ter sido diretamente “emprestadas” ao Romantismo: repetições e comparações retóricas, natureza cúmplice... Observemos, a seguir:

“E o índio deu uma batata a Colombo.....”(linha 23)

“E o índio deu a Colombo uma folha de tabaco.....”(linha 28)

Estes enunciados, se considerados truncados como foram transcritos acima, são informativos e também intertextuais: lembram o discurso de escritores como José de Alencar ou o discurso de velhos livros de História: a Europa que recebe alimentos diferentes da América, o Velho Mundo que descobre o Novo Mundo. Neste sentido, poderiam ser considerados como enunciados “sérios”; mas aí entra, então, o que chamamos de argumentação tendenciosa, através de várias formas de ironia, facilmente detectáveis na leitura do texto.

Observemos os registros de linguagem empregados respectivamente por Colombo e pelo índio. Colombo, que seria, por definição, o “bom branco civilizado” mostra um registro de fala próprio de um personagem marginal, vulgar:

“-Chega de miudezas. Agora eu quero o ouro.” (linha 35)

Ao contrário, a fala do índio, quando relatada pelo locutor, expõe um registro elegante e, de certo modo, sofisticado,

“Mas o índio descreveu (com mímica, com a linguagem mágica dos encontros míticos) sua importância para a história ocidental, desde a alimentação das massas camponesas da Europa até sua versão noisette,....” (linhas 17-20)

A simpatia do locutor em relação ao personagem “índio” é evidenciada pela explicação colocada entre parênteses : o índio não se comunica apenas através de meras palavras mas sim por uma mímica grandiosa e eloqüente, ou seja por uma “linguagem mágica”. Através dessa estratégia, o locutor-relator consegue imprimir um certo lirismo na fala relatada do personagem em questão. O que não impede a

inversão irônica : o belo registro de fala “deveria” pertencer (como acontece em outros contextos) não ao selvagem inculto, mas ao europeu “descobridor” do Novo Mundo .

Deve-se também notar a inversão de atitudes: se o índio é um ser nobre, capaz de prever o futuro, Colombo, o branco que deveria representar o papel de “civilizado”, vai agir como um bárbaro :

“-E o que você me dá em troca? - perguntou o índio, antevendo algo espetacular como uma luneta. Mas Colombo apontou sua pistola para a cabeça do índio e disse “Isto”, e disparou. Depois mandou seus homens recolherem todo o ouro da ilha, nem que precisassem arrancar narizes.” (linhas 38-43)

De modo geral, a informação velada (“Colombo não presta, é um ladrão e um assassino”) é habilmente divulgada desde o início do texto que enfatiza:

a) a reação egoísta de Colombo diante do belo tomate :

“-Finalmente algo para pôr fim à brancura do espaguete ! - disse Colombo, emocionado. Marco Polo só descobriu a massa. Eu descobri a macarronada.” (linhas 11-13)

b) Seu desprezo pela batata :

“O índio deu uma batata a Colombo, que o olhou com desprezo.” (linhas 16-17)

c) Seu pouco interesse pelo cacau:

“E Colombo guardou o cacau na algibeira e deu em troca um vintém.” (linhas 26-27)

d) Sua cupidez diante do ouro :

“Depois mandou seus homens recolherem todo o ouro da ilha, nem que precisassem arrancar narizes.” (linhas 41-43)

Na verdade, o personagem Colombo, do texto em questão, é mostrado como alguém pouco inteligente, incapaz de reconhecer as verdadeiras riquezas do Novo Mundo: os alimentos e as palavras sábias e premonitórias do índio.

Resumindo, o texto nos oferecerá:

a) informações sérias: o mau caráter dos chamados “descobridores” e o bom humor e a generosidade dos chamados “selvagens (*conteúdo primeiro*). Observemos como são relatadas as atitudes de Colombo:

“E Colombo aceitou o tomate e deu em troca uma miçanga.”
(linhas 14-15)

“E Colombo aceitou [a batata] e deu em troca um espelhinho.” (linhas 21-22)

“E Colombo guardou o cacau na algibeira e deu em troca um vintém.” (linhas 26-27)

“Mas Colombo apontou sua pistola para a cabeça do índio e /.../ disparou.” (linhas 39-41)

Tais atitudes contrastam com as do índio:

“E o índio deu a Colombo uma folha de tabaco, e falou nos prazeres do fumo, e de como ele afetaria os hábitos civilizados. E se quisessem algo mais forte, tinham uma planta que dava coca, e um barato ainda maior./.../ E [deu] mais uma espiga de milho. E [deu] mais um papagaio.” (linhas 28-33)

b) Uma argumentação pelo absurdo, que virá enfatizar o ridículo do alvo da crítica do texto ou seja, a “descoberta” da América: a

modernidade do índio, verdadeiro personagem do século XX, mostrada através de suas palavras e de sua maldição (*conteúdo derivado*):

“No chão, antes de morrer, o índio amaldiçoou Colombo e praguejou. Que a batata tornasse a sua raça obesa, que o chocolate enchesse suas artérias de colesterol, que o fumo lhe desse câncer, a cocaína o corrompesse e o ouro destruísse sua alma. E que o tomate -desejou o índio com seu último suspiro- se transformasse em ketchup. E assim aconteceu.” (linhas 44-50)

É bem verdade que a ironia *explícita* se estende por todo o texto e é mantida pelo ser linguageiro que chamamos Jee; mas a ironia concebida por Jec (o cronista), aquela que mostra as verdadeiras intenções do texto, será encontrada na junção de (a) e (b): aí teremos a ironia implícita a serviço da argumentação. Em outros termos, a ironia se evidencia, numa primeira etapa, na narrativa, sendo então assumida por um “ser de palavra”, o Jee; numa segunda etapa, é preciso considerar que, atrás do “ser de palavra” está seu criador, o Jec, ou seja, o cronista. E ele quem vai tomar os elementos do mundo passíveis de receber um significado irônico e dispô-los sob a forma de documento escrito, trabalhando para que o mesmo reflita sua intenção primeira: expor uma idéia, servindo-se da ironia como procedimento argumentativo.

Concluindo: a leitura de um texto irônico, como esta crônica de Veríssimo, feita sem fins de análise, provocará certamente o riso; mas o riso da ironia é ambíguo, como o texto que o divulga, onde informações “sérias” são amalgamadas com informações “não-sérias”.

A argumentação pela ironia tem pois um objetivo preciso: “sacudir” o leitor, despertá-lo para “outra” realidade, fazendo-o rir (ou apenas sorrir), mesmo que esse riso esteja ligado a uma certa crueldade coletiva.

O texto irônico é paradoxal como meio de expressão: o leitor é,

por assim dizer, “obrigado” a fazer um esforço intelectual para com ele dialogar, transformando-se enfim em seu interlocutor.

NOTAS

- 1
CHARAUDEAU, Patrick, *Langage et discours*, p.46.
- 2
BAKHTINE, Mikhaïl, *La poétique de Dostoievski*, p.242.
- 3
No presente caso, “expressões modalizantes” seriam aquelas que indicam o emprego de advérbios ou verbos “de frase” ou “modalizadores”. Tais expressões “modalizam” o enunciado, permitindo que o mesmo seja avaliado a partir de diferentes pontos de vista: apreciativo, veriditivo, etc. As “expressões modalizantes” indicam, enfim, a presença de marcas subjetivas do enunciador no enunciado, ou, do Jec em Jee.
- 4
CHARAUDEAU, Patrick, *Grammaire du sens et de l’expression*, p.634 (A tradução é nossa).
- 5
CAMLONG, André. *Esthétique et éthique dans les Contes de Machado de Assis*, p.687-692.

BIBLIOGRAFIA

- ANSCOMBRE, J.-C., DUCROT, O. *L’argumentation dans le langage*. Bruxelles, Mardaga, 1982.
- BAKHTINE, Mikhaïl. *La poétique de Dostoievski*. Paris, Éd. du Seuil, 1970.
- CAMLONG, André. *Esthétique et éthique dans les Contes de Machado de Assis*. In: *Arquivos do Centro Cultural Português*, volume XXVI, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbekian, 1989.
- CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris, Hachette, 1984.
- _____. *Grammaire du sens et de l’expression*. Paris, Hachette, 1992.
- DUCROT, O. *Les échelles argumentatives*. Paris, Minuit, 1980.
- MACHADO, I.L.. *Essai sur l’ironie comme moyen de communication*. Tese de Doutorado, defendida na Univ. de Toulouse Le-Mirail (França), 1988.
- PERELMAN, C., TYTECA, L. *Traité de l’argumentation*. Bruxelles, Ed. de l’Université de Bruxelles, 1988.

LUIS FERNANDO
VERISSIMO

A Praga

Ninguém sabe como se entenderam, mas se entenderam. E a primeira coisa que o índio deu a Colombo foi — um tomate. Era o primeiro encontro na primeira ilha no primeiro dia, e o próprio sol parecia ter chegado mais perto para não perder a cena. Fazia calor, e o tomate brilhava ao sol como uma maçã dourada.

— Um *pamo d'oro!* — exclamou Colombo.

— Um tomate — explicou o índio. — Para a salada.

Para o molho.

— Finalmente, algo para pôr fim à brancura do espanhol! — disse Colombo, emocionado. — Marco Polo só descobriu a massa. Eu descobri a macarronada.

E Colombo aceitou o tomate e deu em troca uma miçanga.

O índio deu uma batata a Colombo, que o olhou com desprezo. Mas o índio descreveu (com mímica, com a linguagem mágica dos encontros míticos) sua importância para a história ocidental, desde a alimentação das massas camponesas da Europa até sua versão *noisette*, ou fritas com um Big Mac. E Colombo a aceitou e deu em troca um espelhinho.

E o índio deu a Colombo o fruto do cacauero e falou no que o chocolate significaria para o mundo, em especial para a Bahia e a Suíça, e nas delícias do bombom por vir.

E Colombo guardou o cacau na algibeira e deu em troca um vintém.

E o índio deu a Colombo uma folha de tabaco, e falou nos prazeres do fumo, e de como ele afetaria os hábitos civilizados. E se quisessem algo mais forte, tinham uma planta que dava coca, e um barato ainda maior. E tudo isto Colombo aceitou em troca de contas. E mais uma espiga de milho. E mais um papagaio. Até que, com a algibeira cheia, Colombo disse:

— Chega de miudezas. Agora eu quero o ouro.

— O quê?

— Ouro. Isso que você tem no nariz.

— E o que você dá em troca? — perguntou o índio, anteendo algo espetacular, como uma luneta. Mas Colombo apontou sua pistola para a cabeça do índio e disse "Isto", e disparou. Depois mandou seus homens recolherem todo o ouro da ilha, nem que precisassem arrancar narizes.

No chão, antes de morrer, o índio amaldiçoou Colombo e praguejou. Que a batata tornasse a sua raça obesa, que o chocolate enchesse suas artérias de colesterol, que o fumo lhe desse câncer, a cocaína o corrompesse e o ouro destruísse sua alma. E que o tomate — desejou o índio com seu último suspiro — se transformasse em *ketchup*.

E assim aconteceu.

"Revista de Domingo" do **Jornal do Brasil**, outubro/92, p.5.

